

Heterotopias menores: delirando a vida como obra de arte¹

Minor Heterotopias: delirious life as a work of art

Adriana Rosa Cruz Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro

RESUMO:

Apresentação oral na defesa da tese de doutorado *Heterotopias Menores: delirando a vida como obra de arte*, PPGPS-UERJ, 2011.

Palavras-chave: loucura; arte; estética da existência

ABSTRACT:

Oral presentation of the Doctorate's thesis titled *Minor Heterotopias: delirious life as a work of art*, PPGPS-UERJ, 2011.

Key-words: madness; art; aesthetics of existence

Agradecimentos variados: a quem veio, a quem sempre esteve, a quem vai ficando. Primeiríssimo, Heliana Conde, amiga com quem tenho tentado aprender a cometer ousadias, desaprendendo o que subjuga e emburrece o corpo. A amizade, que, para Foucault, era uma oportunidade de reabrir virtualidades relacionais e afetivas, também se materializa na relação com a banca: Antonio Carlos, Luis Antonio e especialmente Júlio e Salete, amigos recém-chegados, que se abriram para um encontro que não se restringiu às exigências acadêmicas e formalidades instituídas. Foram, antes de tudo, pouso certo e mansidão da espera. Cerezzo, leitor das primeiras linhas, quando tudo era ainda um projeto, um sonho, um delírio, agradeço a generosidade e presença constantes. A Ana Paula Melo e Neide Ruffeil que ajudaram, de diferentes modos, a terminar este escrito, obrigadíssima. Aos meus (ex)alunos, estagiários, clientes – Mariana, Marcelo, Leandro, Sílvia, Lucimar, Gabriela e tantos outros –, *amigos* que desassossegam e inquietam a certeza dos dias, fazendo-os proliferar. Aos companheiros do Núcleo Srta. Clavel, invencionice uerjiana: Adrianas, Marcelo, Márcio, Kátia, Regina, Terezinha... termino estes quatro anos, reiterando a máxima claveliana: “Foi isso que aconteceu, mais nada”. Aos amigos queridos,

aqui ou lá, presença-força-ar: Val, André, Cê, Cris, Reginas, Laura... Ildete Rosa, Luciano Rosa, Viviane Cadei, Antonio, Odílio, Fátima, os de sempre, os de casa, obrigada. Ao Edu e à Clara, paixão que invade, agradeço por existirem, perto.

Bem, começo esta defesa partindo para o ataque: com quantas palavras se combate a dureza no corpo, um olhar que não vê, uma prisão? Vejamos este fragmento de um escrito autobiográfico de Hélio Pellegrino: “Lembro-me de uma aula de fisiologia nervosa, no segundo ano. O doente, com tabes dorsal, ao centro do anfiteatro escolar, era um velhinho miúdo, ex-marinheiro, vestido com o uniforme da Santa Casa, onde estava internado. Suas pernas, hipotônicas, atrofiadas, pendiam da mesa de exame como molambos inertes. Jamais me sairá da memória o antigo lobo-do-mar, exilado das vastidões marítimas, feito coisa, diante de nós. Suas andanças pelo mundo, seus amores em cada porto ficavam reduzidos, em termos de anamnese, a um contágio venéreo ocorrido décadas atrás. O velhinho, contrafeito, engrolava seu depoimento, fustigado pelos gritos de – “fala mais alto!” – com que buscávamos saciar nosso zelo científico. De repente, o desastre. Sem controle esfinteriano, o velho urinou-se na roupa, em pleno centro do mundo. Vejo-o, pequenino, curvado para frente, tentando esconder com as mãos a umidade ultrajante. Seu pudor, entretanto, nada tinha a ver com a ciência neurológica. Esta lavrara um tento de gala, e o sintoma foi saudado com ruidosa alegria, como um goal decisivo na partida que ali se travava contra a sífilis nervosa. O velho ficou esquecido como um atropelado na noite. A aula prosseguiu, brilhantemente ilustrada. Os reflexos e a sensibilidade cutânea do paciente foram pesquisados com maestria. Agulhas e martelos tocavam sua carne – esta carne revestida de infinita dignidade, que um dia ressurgirá na Hora do Juízo. Meu colega Elói Lima percebeu juntamente comigo o acontecimento espantoso. ‘O marinheiro está chorando’, me disse. Fomos três a chorar”. (PELLEGRINO, 2004: 24-25)

Hélio, que cursava medicina dando prosseguimento a certa *sina* familiar – com avô, pai e irmão médicos –, decide neste momento o que fazer: “Entre lágrimas e urina, nasceu-me o desejo de me dedicar à psiquiatria” (idem: 25). Em pleno centro do mundo o velho marinheiro urinou-se e, depois, envergonhado, chorou. Lágrima e urina brotaram do corpo como resistência úmida ao atropelamento seco da ciência médica. Irredutível ao diagnóstico, o corpo pulsava para além do imediatamente visível. Dois pares de olhos, dos inúmeros presentes, restituíram a dignidade invisível àquele homem, que lutava como podia para não virar superfície exploratória, objeto de exame e escrutínio médicos.

Entre lágrimas, urina e creolina me vi diante da loucura desdentada, do sinistro da psiquiatria materializado em fiapos humanos, corpos impregnados de neurolépticos, intoxicados de nosografia. Desde aquele outubro de 1989, nas profundas de Jacarepaguá, uma voz sinussuante implantou em mim uma certeza de que os corpos atropelados no meio da noite têm umidades e poros e línguas. Os corpos escrutinados pelo olhar anatômico resistem a virar órgãos, sintomas, códigos diagnósticos quando se revelam sua história, seus percursos, suas derrotas. Urina e lágrimas e memória fazem do corpo-com-órgãos um velho lobo do mar e, da sífilis, mais que desordem neurológica, marca dos encontros de uma vida.

Dos corpos atropelados pela psiquiatria asilar brotava uma certeza de que a vida insiste onde menos se espera, de que a loucura não se reduz ao diagnóstico médico e de que o delírio, palavra-pensamento-gesto que cria outros reais, porta uma força insubmissa de invenção de mundos. A carne revestida de infinita dignidade do velho marinheiro com sífilis, que urina e chora, transtorna as tentativas de subjugação a um código universalizante. Reafirma a vida em sua umidade e pulsação aonde só parecia haver um corpo doente, refém dos códigos e da força asséptica dos aventais brancos. As mulheres do hospício que criam relações e sociabilidades suspeitas, delirando amores, família e sexo onde só deveria haver corpos dóceis e dopados, também fazem a vida, insubmissa, transbordar.

Da loucura encerrada na camisa de força psiquiátrica e dos dispositivos de objetivação científica do corpo, deslocamo-nos para a vida subjugada e controlada a céu aberto (DELEUZE, 2000). Neste intervalo entre a realidade-tornada-destino-incontornável de um presente sem espessura e a liberdade-de-sermos-sempre-o-mesmo – ávidos consumidores de corpos, de formatos, de idéias –, buscamos extrair potência de variação, de diferenciação, de outramento. Diante do atropelamento diário que nos vende diferença identitária como passaporte dourado para o mundo do consumo desenfreado, precisamos reinventar corpos úmidos, não apenas de lágrima e urina, mas de suor, saliva e gozo.

Por força daquele outubro quente em Jacarepaguá, onde teve início certa trajetória no campo da saúde mental/reforma psiquiátrica, percurso tecido por indignações, pequenas rupturas, delírios compartilhados, desencontros e inquietações, tomamos a loucura atualizada como negatividade, como *subjetividade-falha*, como objeto de investigação no Mestrado. Do mal-estar vivido no corpo em diferentes lugares da complexa rede de saúde mental, vimos a loucura ser atualizada como experiência subjetiva claudicante. Deste desassossego que marcava o corpo de trabalhadora no campo da saúde pública, construímos três diagramas de atualização da loucura desde sua apropriação pelo saber médico – como alienação, anormalidade e transtorno –, em consonância com as transformações nos modos

de exercício de poder no capitalismo – disciplinar, biopolítico e de controle –, tornando visível sua configuração nesses diferentes diagramas como avesso da ordem, falta, subjetividade-falha (SANTOS, 2003).

Agora, desdobrando a questão inicialmente investigada, é a loucura em sua positividade, como modo de existência legítimo, que é tomada, não como questão central, mas ponto de inflexão, a gargalhar de nós, deixando entrever, em seu corpo, virtualidades existenciais inexploradas. Deslocamo-nos, portanto, da loucura-negatividade tomada no Mestrado como objeto de investigação e problematização para a loucura-positividade como transversal que instabiliza e esgarça as formas instituídas – a cidade, a arte –, ensejando a constituição de novos universos existenciais que a afirmam e a extrapolam.

Este escrito-tese se situa num espaço inventado, interstício delirado, *hetero-topos*, encruzilhada entre arte, loucura e *polis*, numa teimosia ativa de que a vida possa ser vivida como obra de arte, processo incessante de criação de si e de mundos, que implica necessariamente na instauração de graus de abertura, lugares *outros*, heterotopias que abriguem e produzam variações e diferenciações inerentes ao viver.

Foucault, ao propor o conceito de heterotopia, visa a designar espaços reais que encontramos neste mundo, “espécies de utopias efetivamente realizadas” (FOUCAULT, 2001a: 415) que materializam virtualidades, transtornando as formas instituídas e sinalizando outras possibilidades de existência. “Essas unidades espaço-temporais, esses espaços-tempos têm em comum serem lugares onde eu sou e não sou, como o espelho ou o cemitério; ou bem onde sou outro, como no bordel, na cidade turística ou na festa, carnavalizações da existência ordinária. Eles ritualizam cisões, umbrais, desvios e os localizam”. (DEFERT, 2010: 38)

As heterotopias, unidades espaço-temporais, escapam da materialidade do território físico e expressam deslocamentos nos territórios existenciais, processos de dessubjetivação onde, sendo e não sendo eu, ou bem sendo outro(s), como sinaliza Defert, desloco-me de mim, e, ao fazê-lo, é toda uma rede de dizeres e fazeres que me constitui que também se desloca e se (re)faz.

Ao deslocar, portanto, o delírio de sua acepção psicopatológica tradicional, e fazê-lo vibrar em outra rede, tomando-o, por exemplo, como índice de singularidade que desestabiliza a subjetividade capitalística (GUATTARI e ROLNIK, 1996) – com o cuidado de, no entanto, não tomá-lo idilicamente como expressão da verdade do homem –, buscamos instaurar modos menores de atualização da loucura. Fazendo do delírio uma

espécie de reserva heterotópica, interrogamos os modos de existência regulares, ensejando possibilidades existenciais outras.

Tomando transversalmente arte, loucura e *polis*, buscamos extrair dessas formas estratificadas, virtualidades que possibilitem a emergência de modos menores de composição, fazendo-as *variar*. *Menor*, aqui, tem o sentido atribuído por Deleuze e Guattari (1977): linha de fuga, brecha aberta no que está estratificado – no *maior*, portanto –, deflagrando processos de desterritorialização e constituindo máquinas de expressão singulares.

“A *loucura menor* refere-se justamente a uma linha que percorre a(s) loucura(s) da/na história, fazendo-a variar vertiginosamente, até dobrar-se *outra*. É um movimento que embala e gera a tese, simultaneamente fio intensivo a ser perseguido/inventado/delirado nos diferentes nomes, *casos*, acasos que escolhemos trabalhar e também *motor* da pesquisa, algo a ser ativado nas entrelinhas da experiência de escrita, deflagrando experimentações”. (SANTOS, 2011: 50)

Partimos da *polis*, dimensão imaterial e coletiva das cidades, ao mesmo tempo máquina abstrata de engendramento das formas que a habitam, a deslocam, a produzem, e forma que a vida assume nesses territórios, para visibilizar como se engendram loucuras e artes de viver. Partimos de fragmentos históricos, literários e biográficos, para pensar outros modos de habitar e tecer trajetórias na cidade, instando a tessitura de relações entre criação de si e do mundo, por meio da invenção de certo espaço heterotópico *entre* a loucura e a arte.

Da loucura indicada por Foucault como positividade domesticada pelo saber médico, instauramos séries – da experiência trágica ao *fora* e, deste, ao *fluxo esquizo*, proposto por Deleuze e Guattari – para finalmente chegar a uma *loucura menor*, loucura que é antes dissolução das formas identitárias e estabilizadas e que materializa o delírio como dispositivo estético de criação de mundos (FOUCAULT, 1989; FOUCAULT, 2001; DELEUZE e GUATTARI, s.d.).

Finalmente chegamos à arte, deslocando-a da dimensão de criação de objetos estéticos, para pensá-la como dimensão imanente ao próprio viver. Neste ponto nos valem de Nietzsche, Deleuze e Foucault para pensar a vida como experimentação que resiste às armadilhas que a aprisionam em modelos pré-estabelecidos, vida que se cria a cada instante como obra de arte. Ativando, portanto, uma arte menor, arte de viver, damos corpo à proposição foucaultiana de uma estética da existência, procedimento por meio do qual se cria a si mesmo ao criar-se outro nas relações com o mundo. Procedimento,

portanto, estético, ético e político, pois é “[...] a partir de uma radical imanentização entre os processos de constituição de si e do *socius*, que é possível pensar a proposição de uma *estética da existência* ou a construção de si como obra de arte”. (SANTOS, 2011: 52)

Instabilizadas e problematizadas as formas iniciais – *polis*, loucura e arte –, tomamos os *casos* Bispo do Rosário e Moacir para investigar, em suas trajetórias, como é possível, do entrelaçamento entre elas, se constituírem estilizações da existência, de forma a fazer derivar (e delirar) o real e ficcionar *outros* modos de viver.

Caso, aqui, ganha o sentido que lhe dá Foucault: o que escapa às redes de sentido e de poder, visibilizando o campo de forças no qual está inserido. “A noção de ‘caso’ é extremamente ambígua: ela tradicionalmente designa [...] um fato certamente isolado, mas que se procura recuperar por força de uma regra geral ou de uma lei [...]. O uso foucaultiano do termo é ligeiramente diferente, pois parece, ao contrário, reverter-lhe o funcionamento: o caso é precisamente o que parece não querer voltar para as malhas de nosso quadro interpretativo, ou seja, para falar como Foucault, o que se impõe em uma singularidade absoluta, o que escapa à ordem e afirma, no contrafluxo dos processos de identificação e classificação discursivos, o extraordinário”. (REVEL, 2004: 74-75)

Bispo do Rosário, diagnosticado esquizofrênico paranóide, permaneceu internado na Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, por quase 50 anos. Nesse período construiu uma obra de mais de mil peças com materiais variados: estandartes bordados, vitrines, pequenos objetos revestidos com o fio azul do uniforme. A loucura *obrou* em Bispo, exigindo que ele representasse todas as coisas do mundo para apresentar a Deus no dia do Juízo Final. Artista plástico reconhecido, em sintonia involuntária com os movimentos estéticos no campo das artes plásticas, buscamos extrair do Bispo oficial (HIDALGO, 1996) *outros* Bispo, *entre* o artista louco e o louco artista, e percorrer os caminhos que fizeram da arte ferramenta para uma transformação mais vital, a de si próprio. Em desdobramentos subjetivos sucessivos, múltiplas virtualizações, buscamos *ficcionar* um Bispo cuja maior obra foi a forma que deu à própria existência.

Neste ponto convocamos Lygia Clark e Hélio Oiticica, artistas contemporâneos a Bispo e que, por outras vias, materializaram em seus próprios corpos e obras a indissociabilidade entre arte e vida. Estes personagens entram na tese intensificando e abrindo Bispo para outras espirais, revisitando e produzindo inusitadas reverberações.

Moacir, nosso segundo personagem, é protagonista do documentário *Moacir: arte bruta*, realizado por Walter Carvalho. Moacir, quarenta e poucos anos, mora num pequeno vilarejo na Chapada dos Veadeiros, interior de Goiás, onde cria seres fantásticos, uma natureza desnaturada e santidades profanas com lápis, tinta e papel. Descoberto (ou sobrecodificado) pelo turismo, é transformado em artista. Moacir encontra-se com o mundo por meio dos *capetins*, das mulheres nuas e suas genitálias expostas à luz do sol, seres que desafiam a natureza com múltiplos membros, articulações espetaculares, anatomias transformadas, corpos empanturrados de cabeças e olhos. A mãe conta que Moacir gostava de desenhar desde pequeno; quando iam para o garimpo, ele sempre conseguia um pedaço de carvão e ia deixando sua marca nas pedras. Moacir já teve medo grande de gente, que o fazia sair correndo para o mato quando alguém chegava à sua casa ou se abrigar sob um cobertor, que o protegia dos perigos de fora. Depois passou a permitir alguma aproximação e, totalmente coberto por um lençol, desenhava de pé os retratos solicitados pelos visitantes. Terminada a tarefa, entregava-lhes o desenho por uma pequena abertura entre as bordas do pano. E voltava, em silêncio, para seu porto seguro. Era também por uma fresta produzida na altura dos olhos que Moacir conseguia ver aqueles a quem iria retratar. Achavam diferente esse jeito de Moacir. E só.

Ainda que o documentário revele tentativas de aprisionamento de Moacir à identidade de artista bruto, ele rasga a tela do cinema, adentra e transtorna o naturalizado campo da saúde mental e da própria vida, fazendo pensar sobre como a loucura pôde atualizar-se como doença, e, tomando a questão pelo avesso, indagar como a loucura pode, ainda hoje, desdomesticar-se. Moacir nunca viu Haldol, nunca foi ao CAPS ou esteve internado em hospital psiquiátrico. Suas visões não são alucinações e sua esquisitice não é sintoma.

Moacir, *homem infame* (FOUCAULT, 2006), nos surpreende pelo simples fato de existir: como é possível hoje, após duzentos anos de colonização psiquiátrica, ainda existir uma vida nos limites da normalidade hegemônica, sem ser subsumida por ela? Com este personagem destacamos os entrelaçamentos entre diferentes *polis*, a de dentro e a de fora, e os processos de subjetivação que deslocam Moacir de um modo de ser arredo, quase sem lugar, até a construção de um território existencial por meio de sua produção plástica e do reconhecimento social desta produção como arte. A arte *obrou* em Moacir, e ele, como Bispo, se transformou, virou *outros* por meio de seus desenhos e pinturas, ensaiando, também, inusitadas artes de viver.

Estes *casos* revelam, em suas asperezas e rugosidades, que é possível viver de outros modos e, numa relação agonística com os modos de governo da vida na contemporaneidade, fazem de suas vidas espaços-tempo heterotópicos, desnaturando seus próprios corpos, insurgindo-se, como Artaud, ao despotismo do corpo organizado, criando, para si, um *corpo sem órgãos*. “O corpo sem órgãos [...] ultrapassa o corpo empírico e se constitui como o campo intensivo que engendra processos de subjetivação. Mas também se volta para ele, escavando vazios, desmanchando Organismos e abrindo-o para experimentações de *outramento*”. (SANTOS, 2011: 119)

“À (re)criação de si e do mundo!”, é o que nos grita a loucura encarnada em Bispo e Moacir. Ela, a loucura menor, gargalha, rodopia e nos convida a atíçar corpos *outros* – sem órgãos, úmidos, insubmissos, de diferentes matérias – e *delirar* a vida como obra de arte.

Referências

- DEFERT, D. Heterotopia: tribulações de um conceito entre Veneza, Berlim e Los Angeles. In: *El cuerpo utópico. Heterotopías*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2010.
- DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim, [s.d.]
- FOUCAULT, M. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- FOUCAULT, M. O pensamento do Exterior. In: FOUCAULT, M. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FOUCAULT, M. Outros espaços. In: FOUCAULT, M. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a.
- FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, M. *Estratégia, saber-poder*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HIDALGO, L. *Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- MOACIR, *arte bruta*. Roteiro e direção: Walter Carvalho. Produção: Marcello Maia, Eliane Soárez e Maria Clara Ferreira. Fotografia: Lula Carvalho. Edição: Pablo

Ribeiro. Estúdio: República Pureza; Kinofilm; Leblon 3. Distribuição: Riofilme. Rio de Janeiro, 2006.

PELLEGRINO, H. *Lucidez embriagada*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

REVEL, J. O pensamento vertical: uma ética da problematização. In: GROS, F (Org.) *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola, 2004.

SANTOS, A.R.C. *Alienados, anormais, usuários, claudicantes: a máquina psiquiátrica e a produção da subjetividade-falha*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2003.

SANTOS, A. R.C. *Heterotopias menores: delirando a vida como obra de arte*. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

Adriana Rosa Cruz Santos
Psicóloga da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro
E-mail: arosacs@uol.com.br

¹ O presente texto é uma versão modificada da apresentação de defesa da tese *Heterotopias Menores: delirando a vida como obra de arte*, realizada sob orientação da professora Heliana Conde, no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ (PPGPS-UERJ) e apresenta, alinhavando a argumentação, fragmentos do resumo da tese. A banca foi composta por Antonio Carlos de Almeida Cerezzo, Salete Magda Oliveira, Luis Antonio dos Santos Baptista e Julio Groppa Aquino, e a defesa ocorreu no dia 31 de março de 2011.